

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretendia estudar inicialmente a influência e a contribuição dos arquitetos alemães, em especial das vanguardas, no processo de modernização da arquitetura gaúcha nas décadas de 1920 e 1930, assim como a circulação das idéias sobre arquitetura nos meios culturais porto-alegrenses neste período. O objetivo da pesquisa era analisar o cenário gaúcho com suas transformações urbanas e sociais, procurando observar a maneira como uma matriz cultural regionalista repercutia nos discursos sobre arquitetura ao mesmo tempo explorando a penetração no meio profissional e artístico local das correntes modernistas e, em particular, da arquitetura expressionista.

Este projeto inicial foi sendo detalhado ao longo do processo de orientação e acabou sofrendo uma série de mudanças, em grande parte devido ao próprio desenvolvimento da pesquisa de campo, que revelou os limites das hipóteses iniciais do trabalho e apontou novas possibilidades de exploração do tema. Na própria revisão da bibliografia relativa à afirmação da arquitetura moderna no Brasil, e particularmente no Rio Grande do Sul, algumas questões foram emergindo, seja quanto à difusão inicial da arquitetura moderna no estado, seja quanto à influência ali de uma matriz alemã a partir da imigração de profissionais da construção. De um lado, tornou-se evidente que na historiografia, o primado das personalidades individuais dos arquitetos notáveis tendia a obscurecer o papel de profissionais menos conhecidos e das condições objetivas de desempenho de suas atividades, tal a indiferença habitual pela literatura especializada pelos conflitos advindos do novo estatuto jurídico da profissão a partir de 1933¹, do vínculo com as empresas construtoras no mercado de trabalho local e das dificuldades de legitimação das novas idéias e valores arquitetônicos junto à encomenda e à opinião comum da época. De outro lado, tornaram-se mais claros os meios tortuosos pelos quais a disciplina arquitetônica começava a reformar-se: menos pela importação integral de um ideário de vanguarda, que pelos embates culturais, profissionais e ideológicos vivenciados de maneira altamente variada pelos atores envolvidos: arquitetos, construtores, empresários, artistas, escritores, cronistas, público e clientes.

¹ Tema explorado por Weimer no contexto gaúcho de imigração de profissionais, migração de estudantes e estabelecimento precoce de instituições de capacitação técnica no campo da construção civil. Ver: WEIMER 1989 e WEIMER 2004.

Foi neste sentido que optou-se por uma reestruturação global do projeto inicial, deslocando o foco das realizações de vanguarda para a circulação de novas idéias na crônica de arquitetura e urbanismo nos jornais e revistas gaúchos nestas décadas de 1920 e 1930, consideradas cruciais para a afirmação da nova arquitetura no Brasil e particularmente agitadas cultural e politicamente no Rio Grande do Sul. Pretendia-se recuperar, com isso, a pluralidade de referências que se cruzavam em um meio arquitetônico tão heterogêneo quanto o porto-alegrense naquele momento, com a presença ali tanto dos profissionais alemães e seus descendentes, quanto de profissionais vindos do Uruguai, do Rio de Janeiro (formados na Escola Nacional de Belas Artes) ou localmente formados na Faculdade de Engenharia.

Após a primeira reformulação do plano, partiu-se para a pesquisa hemerográfica nas bibliotecas e institutos de Porto Alegre, focalizando-se em particular os dois jornais comerciais mais importantes em circulação no período em estudo, nos quais de resto já possuíamos boas referências de material pertinente: os jornais *Correio do Povo*, fundado em 1895 e *Diário de Notícias*, inaugurado em 1925 e que posteriormente se integraria aos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand. Como complementação à pesquisa também foi consultada a *Revista do Globo*, fundada em 1929 pelo grupo de modernistas gaúchos e publicada pela Editora da Livraria do Globo e a revista *Egatea*, importante publicação técnica da Escola de Engenharia de Porto Alegre.

A pesquisa em periódicos, prevista desde o primeiro plano, foi um aspecto decisivo para a nova inflexão tomada pelo trabalho. O material encontrado se mostrou muito rico do ponto de vista das discussões contemporâneas em arquitetura e urbanismo, seja das obras em construção ou dos melhoramentos e transformações que estavam mudando a fisionomia de Porto Alegre, seja dos debates públicos e profissionais em torno deles. Além disso, o levantamento diário dos jornais, realizado entre os anos de 1928 e 1937, trouxe à tona a participação de duas personalidades bastante singulares na difusão dos temas específicos de arquitetura, urbanismo e habitação econômica junto ao grande público. Com efeito, o arquiteto João Antônio Monteiro Neto e o engenheiro Antônio Garcia de Miranda Netto, impuseram-se como figuras centrais para o trabalho, tanto pelo investimento em um espaço novo na crônica de jornais, centrado na divulgação regular, didática ou polêmica das questões da arquitetura e da cidade em seu tempo, quanto pelo papel que ocupariam no refinamento e renovação das idéias e opiniões neste setor. No início da década de 1930, mantiveram em cada um dos grandes jornais uma coluna semanal dedicada aos problemas da arquitetura.

Foi então que decidiu-se redefinir o horizonte da pesquisa para o campo da difusão das novas idéias arquitetônicas, concentrando os esforços no entendimento do lugar da arquitetura nos periódicos gaúchos entre 1928 e 1937. Quanto ao recorte temporal, se corresponde

exatamente à duração do mandato do prefeito Alberto Bins, no qual a cidade viveria a conclusão de um ciclo fundamental de reformas iniciado na administração de seu antecessor, Otávio Rocha, possui um caráter aproximativo do ponto de vista da história da arquitetura. No plano nacional, insere-se em um período tradicionalmente assinalado pela passagem das manifestações pioneiras à normalização do espírito de vanguarda na arquitetura, da ruptura estética ao alinhamento ideológico com a consolidação de um campo regular de exercício da profissão no país. No plano local, sem contar que emoldura a atividade cronística de Monteiro Neto e Miranda Netto, o período é de enorme confluência de matrizes diversas de formação e prática profissional, mais ou menos situado entre os primeiros ecos da renovação arquitetural europeia e a materialização das disparidades e conflitos entre as tendências estéticas, estilísticas e ideológicas ali representadas. Em outras palavras, considerou-se a informação específica no jornal para além de sua dimensão habitual de fonte empírica, procurando compreender os termos e os significados específicos da difusão arquitetônica na imprensa e o seu lugar peculiar no meio arquitetônico porto-alegrense.

A pesquisa em periódicos tem sido utilizada em diversas teses e dissertações não só em relação à arquitetura gaúcha, mas em pesquisas sobre outras regiões do Brasil, geralmente como um elemento de apoio e complementação documental. Um bom exemplo gaúcho são as pesquisas de Nara Machado sobre Porto Alegre que muito inspiraram a realização desta pesquisa (MACHADO 1990 e 1998). O fato é que, recentemente, o material jornalístico tem sido utilizado diretamente como fonte para alguns trabalhos em história da cidade, da arquitetura e do urbanismo, que buscam resgatar o debate arquitetônico brasileiro nas primeiras décadas do século XX, como o de Ana Cláudia de Castro sobre as crônicas de Menotti del Pichia sobre a cidade de São Paulo, publicadas no *Correio Paulistano* ao longo da década de 1920 (CASTRO 2004) e o de Ricardo Forjaz Cristiano de Souza sobre a produção intelectual de alguns arquitetos brasileiros publicada nos jornais (SOUZA 2004).

Neste sentido, portanto, é possível assinalar dois momentos cruciais para a redefinição do objeto da pesquisa. O primeiro foi a própria pesquisa documental e periodística realizada na cidade de Porto Alegre. O principal acervo pesquisado foi do Museu da Comunicação Social Hypólito José da Costa, onde foram consultados o *Diário de Notícias* e a *Revista do Globo*. O *Correio do Povo* foi pesquisado na Biblioteca Rio-Grandense, na cidade de Rio Grande. A coleção completa da revista *Egatea* encontra-se na Biblioteca da Faculdade de Engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Após o levantamento, os artigos foram classificados de acordo com o assunto, conforme a tabela a seguir:

Jornal	Cidade	Arquitetura	Crônicas	Total
Correio do Povo	139	237	16	392
Diário de Notícias	109	95	68	272
Total	248	332	84	664

Além da pesquisa em jornais e periódicos, empreendeu-se também uma revisão da bibliografia específica, outro momento decisivo no redirecionamento do objeto de estudo, na tentativa de situar a maneira como eram consideradas a arquitetura no Rio Grande do Sul e a vertente alemã entre outras expressões nacionais e matrizes internacionais de renovação arquitetônica. Este trabalho, realizado ainda em São Carlos, abrangeu tanto acervos das bibliotecas da EESC/USP e da FAU/USP, quanto alguma bibliografia local trazida para a discussão ainda durante a permanência naquela cidade.

O estudo sobre a historiografia da arquitetura moderna brasileira e gaúcha foi realizado quando ainda pesquisávamos sobre a influência alemã na produção arquitetônica porto-alegrense, mas se mostrou fundamental para uma apreensão geral da historiografia e por levantar outros temas passíveis de serem estudados. Sendo assim, decidimos incluir na Introdução um resumo deste trabalho, pela importância que a revisão bibliográfica significou para o encaminhamento da pesquisa aqui apresentada.

Revisão historiográfica

Na historiografia da arquitetura moderna no Brasil é visível a ausência de maiores considerações em torno dos eventos do Sul. Tradicionalmente dedicada, desde *Brazil Builds*² à identificação de uma manifestação regional de arquitetura moderna internacionalmente válida também por que comprometida com as solicitações do clima tropical, o fato é que esta literatura de alcance nacional não teria muito a dizer acerca das manifestações gaúchas. É emblemático que

² O livro nasceu do interesse do Museu de Arte Moderna de Nova York e o Instituto Norte-Americano de Arquitetos em travar relações com o Brasil, país que seria aliado dos Estados Unidos na Segunda Guerra, e conhecer a arquitetura brasileira com suas soluções para o combater problema do calor. Assim, foi organizada uma viagem onde o fotógrafo G.E. Kidder Smith e o arquiteto Philip Goodwin puderam conhecer e fotografar a arquitetura brasileira, principalmente a colonial e a moderna. Publicado em 1943, é dividido em prefácio, primeira introdução e segunda introdução, se constituindo no primeiro levantamento sistemático da arquitetura brasileira e sendo um passo fundamental para o seu reconhecimento internacional.

em Goodwin, a única referência ao Rio Grande do Sul esteja associada ao patrimônio jesuítico de São Miguel das Missões (GOODWIN 1943, p.40) objeto da primeira intervenção do arquiteto Lúcio Costa no recém-criado SPHAN.

Ao lado das lições de adaptação climática, particularmente notáveis entre os arquitetos cariocas, é importante observar que o primado da França e de Le Corbusier como matriz internacional de referência para os brasileiros não excluiria inteiramente a referência a outras matrizes de modernização arquitetônica, fora do Rio e não diretamente corbusierianas, como a proporcionada pela atividade de arquitetos estrangeiros no país.

Por meio de viagens ao estrangeiro e especialmente pelas publicações atualizadas, o Brasil familiarizou-se com todas as minúcias da arquitetura moderna da Europa, não apenas a da França, mas ainda a da Alemanha e a da Itália. Os exteriores muito simples do projeto da Escola Normal da cidade da Baía, por exemplo, são de inspiração germânica, ao passo que muitos edifícios de São Paulo trazem a influência italiana de um moderno mais pesado e mais pretensioso. Certo número de arquitetos são mesmo de origem estrangeira, tendo vindo para o Brasil já formados, prontos a aplicar idéias e princípios que traziam (GOODWIN 1943, p. 81).

Em todo o caso, o mais freqüente foi defender o aparecimento de um caminho propriamente nacional desde os primeiros ímpetos modernos no Rio de Janeiro via Le Corbusier. Também seria esta a tendência dominante ao longo do livro de Henrique Mindlin sobre a *Arquitetura Moderna no Brasil*³. Como observou Siegfried Giedion no prefácio,

No Brasil, a arquitetura contemporânea deitou raízes no solo tropical. Embora tenha surgido no momento em que grandes obras estavam sendo projetadas, jamais perdeu o contato com seu passado regional. Mas Henrique Mindlin também destaca a enorme importância que teve para seu desenvolvimento posterior, a estada de um mês de Le Corbusier no Brasil em 1936, quando trabalhou com um grupo de jovens arquitetos brasileiros (GIEDION 1956, p.17).

Assim como a influência “em menor grau” dos arquitetos modernos alemães, também o impacto da Bauhaus encontraria resistência no autodidatismo dos brasileiros (MINDLIN 1956, p.31), a menção aos gaúchos evoluiria agora do legado colonial para a atividade urbanística contemporânea de um Demétrio Ribeiro, um Edvaldo Paiva, um Edgar Graeff ou um Nelson

³ *Modern Architecture in Brazil*, de Henrique E. Mindlin, é um livro de 1956 publicado inicialmente apenas em alemão, francês e inglês, e que foi concebido para ser um suplemento ao livro *Brazil Builds*. É o principal registro da construção brasileira de 1937 a 1955. O prefácio das primeiras edições é de Siegfried Giedion e na edição em português, de 1999, o livro ganhou um prefácio de Lauro Cavalcanti. Henrique Mindlin era arquiteto e foi um dos grandes representantes da Arquitetura Moderna Brasileira. O objetivo do livro era apresentar, por meio de um certo número de exemplos, a imagem que o Brasil alcançou no campo da arquitetura moderna, de modo a permitir um julgamento fundamentado, tanto por parte dos próprios arquitetos quanto dos críticos daqui e do exterior.

Souza. Além disso e da participação de Raul Bopp no movimento modernista, a seleção de obras realizadas por Mindlin incluiria alguns projetos no Rio Grande do Sul: o de Thomaz Estrella, Jorge Ferreira, Renato Mesquita dos Santos e Renato Soeiro para a colônia de férias do SESC/SENAC em Porto Alegre, de 1955 e o de Jorge Machado Moreira para o Hospital das Clínicas em Porto Alegre, de 1942.

Talvez tenha sido apenas com o livro de Geraldo Ferraz, *Warchavchik e a introdução da nova arquitetura no Brasil: 1925 a 1940*, de 1965⁴, que esta trama historiográfica que vinha se instaurando a partir dos livros de Goodwin e Mindlin, tenha começado a ser desmontada (MARTINS 1987). Se, de um lado, Ferraz insistiria no caráter pioneiro da produção paulista de Gregori Warchavchik e de Flávio de Carvalho, de outro, o crítico de arte ressaltaria a influencia alemã na arquitetura brasileira, e particularmente de Walter Gropius, considerado o grande expoente da renovação arquitetônica internacional.

Somando os fatos recebidos do século anterior, Walter Gropius é o grande coordenador das idéias do século XX na transfiguração inteira da vida social. Pertencia a um ambiente que a preocupação da máquina introduzida na vida humana se distribuíra em moldes novos, destinados a guardar o domínio técnico. Queremos nos referir aqui a fundação do "Deutsche Werkbund" que envolvia, de início, uma solução aos novos problemas das artes industriais, substituindo, organizadamente, o extinto artesanato pela procura na qualidade da produção mecanizada. Sua propagação se fez logo nos países mais industrializados. Estudando desde 1909 a standardização, e nessa organização, em referência a arquitetura, que se coloca o espírito de Walter Gropius, cujos planos amadureceram de 1914 a 1919, formulando-se a hipótese de que a paralisação germânica no terreno das construções durante a primeira guerra mundial deu-lhe mais tempo para idealizar o que seria, em 1919, o "Bauhaus" (FERRAZ 1956, p.17-8).

Para ele, desde a *Deutsche Werkbund*, a arquitetura alemã estaria na base de todo o funcionalismo arquitetônico, ao fornecer uma solução racional para o problema tipicamente moderno da industrialização. Assim como August Perret havia influenciado Le Corbusier, Peter Behrens havia sido o grande mestre de Walter Gropius e Mies van der Rohe. O grupo da Bauhaus, com sua concepção didática e mais concretamente planejada e objetiva que a propaganda de Le Corbusier, teria assim oferecido ao mundo uma contribuição mais relevante e duradoura que a francesa. Esse "laboratório de desenho", que manteve em alta qualidade a arquitetura alemã, ao fim e ao cabo teria sido o único capaz de traduzir em sentido internacional uma diretriz para as novas idéias. Quanto a Le Corbusier:

⁴ Com apoio do MASP e prefácio escrito por Pietro Maria Bardi.

[...] não estamos mais diante de um politécnico, como Gropius, oriundo das universidades de Berlim e Munich. [Le Corbusier] é acima de tudo uma artista superior, que frequenta com a mesma curiosidade e o mesmo proveito os “ateliers” de Perret em Paris e de Peter Behrens em Berlim, assim como estuda com olhos de uma sensibilidade e uma inteligência ativa e amorosa os grandes monumentos do passado (FERRAZ 1956, p.19).

Contudo, se Ferraz foi um dos primeiros a insistir numa matriz germânica de renovação arquitetônica, o privilégio dado às realizações pioneiras de Gregori Warchavchik, anteriores ao Ministério da Educação no Rio, o impediria de explorar o universo mais amplo de difusão do modernismo pelo país. Nem mesmo em um livro como o de Yves Bruand⁵, cujas pretensões de alcance nacional seriam pela primeira vez submetidas a padrões acadêmicos de pesquisa, a produção gaúcha mereceria maiores comentários. Já no prefácio, Bruand alertaria para o espaço limitado dedicado ao Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná), a despeito da abundância ali de obras modernas, em relação por exemplo à região Nordeste, que seria melhor abordada em seu livro, particularmente no que se refere à Bahia e Pernambuco:

[...] apesar de cidades como Curitiba e Porto Alegre apresentarem, sem dúvida, grande atividade na construção civil e possuírem escolas de arquitetos que figuram dentre as mais importantes do país, suas realizações não se diferenciam fundamentalmente daquelas do Rio de Janeiro e São Paulo (BRUAND 1981, p.8).

Na verdade, no livro são raras as menções ao Rio Grande do Sul e à região sul como um todo. Tendo encontrado no triângulo Rio de Janeiro - São Paulo - Belo Horizonte os seus principais pólos de realização no Brasil, a arquitetura moderna se irradiaria pelas mãos de arquitetos ali formados em direção aos outros centros regionais, como Porto Alegre, Curitiba, Recife e Salvador. Além disso, também para ele, dos três grandes arquitetos do período entreguerras, Gropius, Mies van der Rohe e Le Corbusier, apenas o último teria influência determinante sobre os rumos da arquitetura brasileira:

⁵ O livro *Arquitetura Contemporânea no Brasil* é de 1975 e foi publicado em 1981. Yves Bruand é arquivista paleógrafo, ex-aluno da Escola de Chartres e foi nomeado como professor da Universidade de São Paulo. O livro foi realizado com um grande rigor de método decorrente da formação rígida do autor. Para Bruand, a arquitetura brasileira só conhecera dois grandes períodos de atividade criadora: a arte luso-brasileira dos séculos XVII e XVIII e a arquitetura moderna.

As preocupações democráticas de Gropius, relacionando a arte ao conjunto das atividades sociais do indivíduo e ao nível de vida das classes produtoras, não poderiam exercer qualquer influência em uma sociedade de oligarquia rural, indiferente a este assunto; e quando Gropius, visando este objetivo, esforçava-se para integrar a arte à indústria, e as artes entre si, de modo a definir as normas de uma produção industrializada, criando para tanto a Bauhaus, estava abordando um problema estranho a um país subdesenvolvido. Da mesma forma, a obra de Mies van der Rohe, seu sucessor na direção da Bauhaus – fundamentada numa concepção nitidamente mais aristocrática da arquitetura, cujo valor decorria de um acabamento perfeito, obtido pelo emprego de mão-de-obra altamente qualificada e pela utilização de produtos industriais impecáveis, não podia encontrar repercussão em um país onde nenhum desses princípios poderia ser resolvido satisfatoriamente (BRUAND 1981, p. 22).

Também em *Quadro da Arquitetura no Brasil* de Nestor Goulart Reis Filho, o lugar do Rio Grande do Sul permaneceria marginal. Na verdade, a única referência ao estado neste livro situa uma preocupação comum dos arquitetos ecléticos com a face pública de seus edifícios (REIS FILHO 1973, p.82). O mesmo ocorreria em outras publicações do gênero, como as de Carlos Lemos e Paulo Santos, que igualmente pretendiam dar conta de um quadro nacional de realizações⁷.

Em linhas gerais, vale à pena resumir o que essa bibliografia não cessa de afirmar. Em primeiro lugar que a história da arquitetura brasileira está fundamentalmente entrelaçada à produção dos países europeus e dos Estados Unidos, e que a partir de suas realizações seria possível compreender e explicar a história da arquitetura local, estabelecendo, muitas vezes, um encadeamento de causas e efeitos no qual não há espaços para acontecimentos que não se encaixem nesta ordenação. Em segundo lugar, essa visão centralizadora transforma no mais das vezes as diversidades regionais na produção arquitetônica em manifestação homogênea de representatividade nacional (AZEVEDO 1989, p.88). Em terceiro lugar, tenha Gregori Warchavchick, tenha Lucio Costa, tenha Niemeyer liderado o processo de consolidação de uma expressão nacional de arquitetura, o fato é que a matriz francesa, particularmente a corbusiana, se imporia como dominante no seu desenvolvimento.

Foi apenas com o desabrochar de uma nova geração de estudos em história da arquitetura no Brasil, que os limites desta visão começaram a ser re-examinados. Em grande medida isto aconteceu devido ao aparecimento de uma recente produção monográfica que complexificou o

⁶ Publicado em 1973, o livro de caráter ensaístico é composto do material publicado no Suplemento Literário do *Estado de São Paulo* e depois na revista *Acrópole*, ao longo da década de 1960, e baseia sua pesquisa em três áreas principais: o quadro urbano, a arquitetura brasileira do período colonial e dos séculos XIX e XX e o patrimônio cultural.

⁷ Como o livro *Arquitetura Brasileira*, escrito em 1979 por Carlos Lemos, arquiteto e historiador da FAU/USP voltado para o estudo da arquitetura tradicional. Em 1983, Lemos escreve um capítulo chamado “Arquitetura Contemporânea” para o livro *História Geral da Arte no Brasil*, de Walter Zanini., uma reedição do livro anterior com algumas complementações. E também *Quatro séculos de Arquitetura*, de Paulo Santos.

quadro nacional dominante e aprofundou o conhecimento de episódios marginais ou regionais na história da arquitetura do século XX, questionando, muitas vezes, os próprios conceitos e cronologias que auto-afirmavam o movimento moderno no país, discutindo e diversificando as matrizes dominantes de compreensão da própria arquitetura brasileira como um todo. E, com efeito, neste processo, tanto a matriz alemã de vanguarda, quanto as manifestações locais de arquitetura moderna ganhariam maior espaço na bibliografia. Mesmo na linha dos manuais de corte mais geral, como no caso de *Arquiteturas no Brasil, 1900-1990*, de Hugo Segawa⁸, a tendência já pode ser claramente vislumbrada. Se, para o autor, a arquitetura brasileira teria atingido o prestígio internacional no caminho que leva do Ministério da Educação e Saúde à Brasília, seria preciso reconhecer os múltiplos rumos e os processos na gênese desta produção. É interessante notar que entre as obras precursoras do movimento moderno no país, o autor tenha salientado uma inspiração alemã e introduzido na linha racionalizante da arquitetura produzida nos anos 1920, projetos de caráter utilitário como o Moinho Chaves, em Porto Alegre, construído pelo arquiteto alemão Theo Wiedersphan, em 1921:

Fachada marcada por pilastras acentuando a verticalidade, repetitividade de janelas e apenas uma discreta linha de cimalha e desenho de platibanda, o tratamento externo do edifício industrial parecia refletir a sobriedade do programa arquitetônico. Uma construção que passaria despercebida hoje, não tivesse sido realizada no início da década de 20 (SEGAWA 1997, p. 57).

Sem explorar o processo de constituição de um repertório alemão de arquitetura no Rio Grande do Sul, Segawa já alertaria para o papel que teria desempenhado como vertente legítima do modernismo brasileiro. Também as construções realizadas para a Exposição do Centenário Farrroupilha, realizada em Porto Alegre no ano de 1935, genericamente associadas a uma “figuração Déco”, mereceriam um comentário:

Contando com pavilhões temáticos (como agricultura, indústria estrangeira, empresas ferroviárias e outros), para diversão (cassino, café-bar, restaurante), de quatro estados brasileiros (o de Pernambuco foi projetado pela equipe modernista dirigida por Luiz Nunes) e os administrativos, predominava a figuração Déco nos edifícios. O caráter efêmero dessas obras conduzia a opções simples de construção e decoração: os pavilhões eram estruturas de madeira com fechamentos em estuque (à exceção do Pará, de alvenaria); o despojamento ou arrojado ornamental subordinava-se ao sistema construtivo

⁸ Segundo Hugo Segawa, o trabalho volta-se para um mapeamento arquitetônico e busca estudar os processos de constituição da arquitetura moderna brasileira em matizes diversos, caracterizando modernidades distintas, que intitulam os capítulos. Foi privilegiada a inserção dos arquitetos e obras no debate cultural e arquitetônico num certo recorte da história. A primeira parte do livro é voltada para o urbanismo e cidades, com peso significativo. A segunda parte foi organizada com a preocupação de mostrar as várias modernidades praticadas na arquitetura do Brasil, no período entre-guerras.

empregado, e o Déco confluía para uma solução formal menos rebuscada (SEGAWA 1997, p. 62).

Entretanto, as diferentes situações em que se encontravam os países após a Primeira Guerra na Europa teriam forjado diferentes concepções de modernidade. Tendências de atualização estética como o futurismo ou o *Esprit Nouveau*, compromissos com a tradição como no *Art Déco* francês que se irradiaria pelos Estados Unidos extremado em seus aspectos decorativos e orientações de cunho mais social a partir das correntes de vanguarda holandesa, alemã ou russa, ao servirem de referência para a modernização da arquitetura brasileira, teriam possibilitado outras manifestações de modernidade, construídas em inúmeras cidades, representando uma produção altamente variada. São arquiteturas que, mesmo correspondendo a uma abertura às experiências culturais européias, ao serem construídas com os meios disponíveis e responderem a problemáticas específicas, teriam definido uma espécie de “modernidade apropriada” (SEGAWA 1997, p.54).

Mas se a maioria dos estudos de conjunto sobre a arquitetura moderna no Brasil vem preferencialmente se detendo sobre as realizações cariocas e paulistas, outros enquadramentos e problematizações vêm se afirmando na pesquisa ao longo da última década. Não só outros canais de vinculação dos arquitetos brasileiros às fontes estrangeiras começaram a ser examinados⁹, mas investigações pormenorizadas da arquitetura moderna de outros estados do país recentemente vêm sendo também contempladas no centro da produção acadêmica atual¹⁰.

Historiografia da arquitetura gaúcha

Em todo caso, o recurso à bibliografia regional neste trabalho se tornou obrigatório para estabelecermos com maior nitidez as articulações e significados históricos da produção gaúcha no contexto da arquitetura moderna no Brasil. Felizmente, desde o final da década de 1980, vem se desenvolvendo uma intensa atividade de pesquisa acerca do desenvolvimento da arquitetura moderna no Rio Grande do Sul, cuja revisão foi de importância decisiva para o encaminhamento atual da pesquisa de mestrado.

⁹ A exemplo dos trabalhos de ANELLI 1995 sobre a matriz italiana, o trabalho de IRIGOYEN 2002 sobre Wright e Artigas ou acerca da contribuição de outras nacionalidades no Brasil, como o trabalho de BARBOSA 2002 sobre a obra de Franz Heep.

¹⁰ Por exemplo, o trabalho de CANEZ 1998 sobre a obra de Fernando Corona em Porto Alegre e o trabalho de NASLAVSKY 1998 sobre Pernambuco.

Deixando de lado o envolvimento de alguns arquitetos gaúchos no debate em torno da moderna arquitetura brasileira (COMAS 1989), já em 1987, Alberto Xavier e Ivan Mizoguchi publicariam o livro *Arquitetura Moderna em Porto Alegre*, primeiro levantamento geral empreendido na cidade sobre a produção moderna. Focalizando um período que vai de 1935 até o final da década de 1980, o trabalho foi dividido em duas partes principais: uma introdução que tratou da origem da cidade e traçou um panorama da evolução de sua arquitetura, e a relação das obras propriamente dita, com fotos, plantas e um pequeno histórico e descrição de cada uma. A introdução foi composta de vários artigos escritos por historiadores e arquitetos gaúchos, onde seriam abordados a fundação da cidade, a arquitetura do século XIX e seus remanescentes principais e a importância dos arquitetos estrangeiros para a arquitetura local. A arquitetura moderna no período de 1945 até a década de 1980 foi discutida por profissionais atuantes na cidade como Demétrio Ribeiro, Edgar Graeff, Miguel Pereira e Ivan Mizoguchi.

Apesar de pouco atentos ao período entre 1920 e 1945, imediatamente anterior à criação da primeira faculdade de arquitetura em Porto Alegre, os textos levantaram questões importantes para o desenvolvimento deste trabalho, particularmente a história do ensino profissional no estado e as divergências com os engenheiros que até então monopolizavam o mercado de trabalho, o processo de regulamentação profissional com a fundação do CREA e o impacto sobre o mercado de trabalho local com a consequente exclusão dos arquitetos estrangeiros, assim como a influência da Alemanha, do Uruguai e do Rio de Janeiro na produção arquitetônica local.

Com efeito, o arquiteto Günter Weimer, um dos colaboradores da obra organizada por Xavier e Mizoguchi, tornou-se, com o tempo, o principal estudioso das relações entre a Alemanha e o Brasil no campo da arquitetura, tratando ao longo de inúmeros trabalhos da inserção dos arquitetos estrangeiros, em particular os alemães na arquitetura gaúcha¹¹. Em um empreendimento aparentado ao de Xavier e Mizoguchi por seu esforço de catalogação, o livro *Arquitetura Modernista em Porto Alegre entre 1930 e 1945* preencheu uma lacuna até então pouco explorada, certamente municiado pelos resultados de sua própria pesquisa de doutorado, materializada na tese *Arquitetura Erudita da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul*, de 1989. O primeiro constitui um inventário encomendado pelo DOCOMOMO¹² dos prédios modernos no período anterior ao final da Segunda Guerra. O livro foi dividido em introdução e seis capítulos constituídos de uma pequena explicação e da apresentação das obras catalogadas no inventário. A introdução fez um panorama dos acontecimentos na Europa no período e seus reflexos no Brasil

¹¹ Entre eles: WEIMER 1992; WEIMER 1983; WEIMER 2000 e WEIMER 2004.

¹² *Documentation and Conservation of buildings, sites and neighbourhoods of the Modern Movement* (Documentação e Preservação de prédios, sítios e unidades de vizinhança do Movimento Moderno).

e no Rio Grande do Sul. Apontando questões importantes como a ênfase na presença alemã no estado, a questão da regulamentação profissional, o autor apresentou ainda nomes de arquitetos atuantes neste período em Porto Alegre, como João Antonio Monteiro Neto, Franz Filsinger, Julius Lohweg, Carl Hartmann, entre outros.

Na tese, Weimer abordou o longo período entre a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul na primeira metade do século XIX e o que o autor chamou de “o fim da arquitetura teuto-brasileira” após o Golpe do Estado Novo, com a perseguição aos estrangeiros, o que praticamente viria a excluí-los do mercado de trabalho local. Porém, a maior parte do trabalho foi dedicada ao estudo da arquitetura do século XIX.

Talvez a maior contribuição apreendida de sua pesquisa neste trabalho tenha a ver com a ênfase dada pelo autor à questão da prática profissional dos estrangeiros e da regulamentação do exercício da arquitetura. Seus levantamentos nos arquivos do CREA/RS de fato lhes possibilitaram um amplo conhecimento do processo de registro dos profissionais atuantes no Rio Grande do Sul, sendo as informações sobre suas biografias e itinerários consolidadas em um importante glossário de mais de 200 nomes que encontra-se entre os anexos de sua tese. Este trabalho foi recentemente publicado com o nome de *Arquitetos e Construtores no Rio Grande do Sul: 1892-1945* (WEIMER 2004). Além disso, Weimer abordou o ensino de arquitetura em Porto Alegre, as tentativas de organização profissional dos alemães e as primeiras obras modernas realizadas por eles na cidade.

Ao lado de visões retrospectivas do campo de formação profissional no Rio Grande do Sul (FIORE 1992, RIBEIRO 2000), a encruzilhada de caminhos e tradições no meio arquitetônico gaúcho foi examinada também no trabalho de Anna Paula Canez, centrado na figura e na obra de Fernando Corona, arquiteto espanhol autodidata que atuou em Porto Alegre entre as décadas de 1920 e 1950 (CANEZ 1998). Corona, que era escultor, praticaria a arquitetura sob inúmeras influências, passando do clássico ao neocolonial e ao moderno.

Os trabalhos de Nara Machado também apresentaram importantes referências sobre a arquitetura moderna em Porto Alegre. Em sua dissertação de mestrado, a autora analisou a Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha que aconteceu em Porto Alegre no ano de 1935 (MACHADO 1990). Sua tese de doutorado contribuiu para o estudo das transformações urbanas e arquitetônicas que ocorreram na área central na cidade entre 1928 e 1945, e, somando-se a esforços de conhecimento da história do urbanismo em Porto Alegre (SOUZA e DAMÁSIO 1998, ALMEIDA 1999, BELLO 2002), pôs em relevo o papel das novas tipologias arquitetônicas como os edifícios em altura, as lojas de departamento e as galerias

comerciais na transformação da fisionomia urbana da capital gaúcha (MACHADO 1998). Este último trabalho apontou uma lacuna que foi decisiva para o redirecionamento da pesquisa em questão, a saber, o lugar da crônica de arquitetura e de urbanismo na história da arquitetura gaúcha. Baseada em uma extensa pesquisa de periódicos, a autora utilizou referências cronísticas importantes no desenvolvimento de seu trabalho, lançando luz sobre a riqueza do debate público e letrado em torno da modernização urbana em Porto Alegre. Além disso, apresentou-nos, ainda que sucintamente e sem a problematização específica que procuramos tecer neste trabalho, a obra de dois personagens instigantes que mantiveram colunas semanais dedicadas à arquitetura nos dois principais jornais gaúchos no início da década de 1930: João Antonio Monteiro Neto¹³ e Miranda Netto¹⁴. Ainda que sucintamente, o trabalho de Machado despertou o interesse pelos dois cronistas, inspirando o nosso trabalho a uma pesquisa de problematização histórica de seus temas e atividades. Até então muito pouco conhecidos, Monteiro Neto e Miranda Netto seriam pela primeira vez apanhados em seu papel de difusores locais das novas idéias em relação à arquitetura entre as décadas de 1920 e 1930 (MACHADO 1998, pp.200-13). É verdade que anteriormente Weimer já havia introduzido a figura de Monteiro Neto como o autor de uma das primeiras obras modernas construídas em Porto Alegre, uma residência na Avenida Guaíba, 470, provavelmente construída em 1931 (WEIMER 1989, p.N.34), e no glossário dos profissionais já citado anteriormente, incluiria a indicação de seu processo de registro no CREA, com um resumo de sua trajetória profissional.

¹³ **João Antonio Monteiro Neto** (1893-1956) era um desenhista e prático vindo do Paraná. Estabeleceu-se em Porto Alegre em 1930, trabalhando inicialmente na Intendência Municipal e em importantes construtoras da cidade. Entre 1930 e 1933 manteve uma coluna semanal no *Diário de Notícias* chamada “Para quem quer construir. Idéias sobre construções, arquitetura e arte decorativa interior”. Era uma seção de consulta para os leitores que pretendiam construir suas casas. Nela, o arquiteto os orientava quanto ao estilo, ao mobiliário, às questões técnicas, como a iluminação, ventilação e ocupação no terreno e também quanto aos profissionais que deviam procurar na hora da construção. Discutia sobre os estilos que mais se adequavam ao clima brasileiro além de publicar projetos seus e de outros arquitetos. Também escreveu crônicas na *Revista do Globo*, sobretudo no ano de 1931.

¹⁴ **Antônio Garcia Miranda Netto** (1903-1988) era um engenheiro gaúcho formado pela Escola Central Politécnica do Rio de Janeiro. Não são conhecidos projetos seus no Rio Grande do Sul. Através um artigo de sua autoria, publicado no *Correio do Povo* no final da década de 1970, sabe-se que morou no Rio de Janeiro, quando foi professor numa Escola de Arquitetura. No mesmo artigo, percebe-se também que participou dos meios profissionais porto-alegrenses na década de 1930, citando arquitetos importantes na cidade nesta época, como Fernando Corona e Théó Wiedersphan. Sua coluna no *Correio do Povo*, intitulada “Arte de Construir” começou em agosto de 1932 e terminou em março de 1933. Nela, o engenheiro defendia a “moderna arte de construir”, apresentando ao leitor gaúcho nomes como Le Corbusier, Walter Gropius, Pier Luigi Nervi e os arquitetos expressionistas alemães e holandeses. Era um defensor ferrenho da nova arquitetura funcionalista.

Sobre o objeto

A partir dessas indicações, partiu-se em busca de outras informações. Inicialmente, foi realizada uma pesquisa nos arquivos do Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura do Rio Grande do Sul, onde foram encontradas as principais informações sobre a trajetória profissional de Monteiro Neto. Como foi um construtor muito atuante nas décadas de 1930 e 1940 em Porto Alegre, encontram-se referências sobre sua obra na bibliografia sobre a arquitetura gaúcha como em CANEZ 2004, XAVIER e MIZOGUCHI 1987 e WEIMER 1992 e 1998. No levantamento realizado por Günter Weimer nos microfilmes do Arquivo Municipal da Prefeitura de Porto Alegre encontram-se os projetos de Monteiro Neto protocolados na Prefeitura (WEIMER 1998a).

As informações sobre Miranda Netto de fato se mostraram mais escassas. Através do livro de Ari Martins, que apresenta uma pequena biografia dos principais escritores e cronistas gaúchos, descobriu-se que era engenheiro, bacharel em Direito e musicólogo (MARTINS 1978). Com essas informações, entramos em contato com a Escola Politécnica do Rio de Janeiro e com Academia Brasileira de Música, que nos enviaram mais alguns dados sobre o cronista.

Percebe-se claramente que há um período ainda muito pouco estudado na história da arquitetura em Porto Alegre. Trata-se das décadas de 1920, 1930 e a metade da década de 1940¹⁵, período que representa um momento de transição e modernização da arquitetura porto-alegrense. Com efeito, todos os trabalhos analisados abordam de alguma forma este período: os de Weimer se concentram na obra dos alemães, Anna Paula Canez estuda a trajetória de apenas um arquiteto, Xavier e Mizoguchi concentram sua pesquisa na arquitetura pós-1945. Somente Nara Machado efetivamente abordou esse período em detalhe, porém, dando prioridade às transformações no centro da cidade.

Com a redefinição do plano e a decisão de concentrar o trabalho nos periódicos, era necessário definir o recorte temporal para a pesquisa de campo. Decidiu-se por concentrar a pesquisa entre os anos de 1928 e 1937. Este recorte de tempo é aproximado, pois contempla mudanças muito distintas na redefinição do campo profissional, nas propostas arquitetônicas e urbanísticas, nos estilos, na clientela, na circulação da informação específica etc. O período 1928-37 é importante do ponto de vista político, pois essas duas datas são marcantes dentro do

¹⁵ Em 1945 foi fundada a primeira Faculdade de Arquitetura no Rio Grande do Sul, no Instituto de Belas Artes. Este ano é considerado por muitos autores como sendo o início da arquitetura moderna gaúcha.

contexto gaúcho: 1928 foi o ano em que Getúlio Vargas assumiu a presidência do Rio Grande do Sul e que Alberto Bins foi nomeado Intendente de Porto Alegre, dando continuidade às obras de remodelação da cidade iniciadas por Otávio Rocha; 1937 por ser o ano do Golpe do Estado Novo e por representar o final da hegemonia do Partido Republicano Rio-Grandense. Este período dá um parâmetro temporal às transformações em andamento na cidade, servindo apenas como baliza à pesquisa do abundante material periodístico e jamais como amarras ao tratamento histórico do objeto.

Do ponto de vista do material documental, o período seria também assinalado pelo aparecimento de um universo novo na crônica de jornal, o das transformações da cidade, em sua fisionomia, construções e problemas urbanos. Desdobramento por certo do espaço de variedades que se implantou nos jornais desde o século XIX (MEYER 1992, CASTRO 2004), esta crônica de melhoramentos e problemas urbanos parecia neste momento enveredar para um estilo jornalístico ora ameno, ora combativo, mas de algum modo situando-se em relação aos debates artísticos, culturais e políticos da época, demarcando posições em face do processo de modernização em curso (LOPEZ 1976). Em Porto Alegre foi mais ou menos neste momento que os jornais começariam a atribuir um espaço específico para os assuntos urbanos, logo despontando em seu interior uma atividade regular – bem mais regular talvez do que em qualquer outra grande cidade do Brasil¹⁶ – de discussão e informação, de crônica e de crítica das questões de arquitetura. De um lado, constituindo um viés mais pragmático e didático de intervenção nas discussões, tratando a informação especializada ora em termos de prestação de um serviço profissional ora de popularização de novos conteúdos para um público supostamente ampliado e até então pouco familiarizado com as questões da arquitetura, como no caso das crônicas de Monteiro Neto. De outro lado, instituindo um campo polêmico e teórico de discussão das tendências, disputas e problemas estéticos e ideológicos envolvidos na renovação da arquitetura do presente, como no caso de Miranda Netto.

Neste sentido, a dissertação foi estruturada da seguinte maneira: no Capítulo 1, chamado A Cidade Letrada e o Meio Arquitetônico será feito um panorama das transformações urbanas e arquitetônicas em Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX, tendo como base, além da bibliografia sobre o tema, as notícias e crônicas publicadas nos jornais locais. Este primeiro capítulo tem como objetivo remeter ao espaço da cidade e de suas representações

¹⁶ Vide o exaustivo trabalho de levantamento das discussões arquitetônicas em jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo, realizados por SANTOS 1960 ou SOUZA 2004, assim como o trabalho de LIRA 1997 e NASLAVSKY 1998 sobre o Recife.

jornalísticas os temas abordados pelos cronistas Monteiro Neto e Miranda Netto, objeto de estudo dos capítulos seguintes.

O Capítulo 2: Monteiro Neto: “Para quem quer construir”, e no capítulo 3: Miranda Netto e a “Arte de Construir” abordarão respectivamente a produção escrita dos dois cronistas nos jornais gaúchos entre 1930 e 1933. Apesar de possuírem enfoques e pretensões diferentes, os dois discutiriam questões semelhantes, como o papel dos profissionais da construção, a habitação econômica e os estilos arquitetônicos que melhor se adaptariam ao meio local, apresentado ao leitor as inovações apresentadas pela arquitetura moderna. Além disso, os temas levantados serão relacionados com a discussão nacional e internacional, com o objetivo de demonstrar o papel decisivo que ambos desempenhariam na atualização e inscrição das discussões locais em arquitetura em relação ao debate contemporâneo.

Com a finalidade de preservar e divulgar os temas abordados por Monteiro Neto e Miranda Netto a um público mais amplo, foram selecionadas algumas de suas crônicas mais significativas, que foram reproduzidas na íntegra nos anexos deste trabalho.